

Autor não crê no poder da novela

LINA DE ALBUQUERQUE

Existe apenas um tipo de pessoa que leva as novelas a sério: o intelectual. Os acadêmicos podem não concordar, mas para Carlos Lombardi e Mário Prata, autores que participaram, ontem à tarde do I Seminário Latino-Americano de Dramaturgia da Telenovela, no Memorial da América Latina, as novelas se prestam pura e simplesmente à diversão e não têm o poder de alterar profundamente o comportamento social.

Na opinião dos dois autores, é o telespectador que influencia as novelas, e não o contrário. "As pessoas podem até copiar o visual dos atores, mas dificilmente mudarão o seu modo de pensar por causa do que assistem", considera Carlos Lombardi, autor das globais *Bebê a Bordo* e *Vereda Tropical*. Ele conta, por exemplo, que só decidiu colocar um lenço na cabeça do ator Guilherme Fontes, de *Bebê a Bordo*, depois de reparar na "estética chic-show-zona-leste" dos office-boys do centro paulistano.

Mário Prata lembra que a também global *Estúpido Cupido*,

de sua autoria, provocou uma onda nostálgica dos anos 60 que, de tão breve, em chegou a alcançar a novela seguinte, *Locomotivas*. "Se a televisão fosse assim tão poderosa, a Arena ainda estaria no poder e Roberto Marinho seria o homem mais querido do País", graceja. Segundo ele, as novelas não fazem mais do que criar modismos-relâmpagos: "Qual é a mulher que ainda se veste como a viúva

Porcina, unicamente inspirada na personagem da Regina Duarte em *Roque Santeiro*?"

Carlos Lombardi reconhece que, de certa maneira, as novelas ajudaram a romper o tabu da virgindade. "Mas, para isso, foi preciso de pelo menos dez anos de novelas," diz ele. "Além do que a sociedade também se modernizou." Para Lombardi, *Vale Tudo* descobriu, antes mesmo do

presidenciável Fernando Collor de Mello, que a discussão em torno da honestidade e corrupção estava em alta. "A novela não tirou esse tema do nada, apenas percebeu o assunto do momento." Nesse terreno, é perigoso arriscar: "Eu não escreveria hoje uma novela em que uma moça aborta, porque com certeza ela daria errado", acredita Carlos Lombardi. "A novela é um diálogo com o público: se ele não estiver se vendo nela, logo se afasta."

Para o professor Waldenyr Caldas, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), que discutiu a telenovela nesta semana, durante o V Congresso Estadual dos Sociólogos de São Paulo, a novela brasileira sempre reforçou o *establishment*. "Nos anos 70, com a ditadura, ela serviu de bode expiatório da ideologia do regime militar. Mas hoje, principalmente depois do marco de *Roque Santeiro*, passou a levar para a grande massa brasileira o discurso do processo democrático do momento". Caldas definitivamente não faz a linha apocalíptica. "Se ver novela nos anos 70 era uma aberração estética e política, atualmente é aberrante não ver novela."



Antônio Fagundes e Regina Duarte: Vale Tudo